

TURISMO CRIATIVO



Turismo Criativo em Territórios de Baixa Densidade

21 de março | Auditório Municipal de Esposende

Aida Carvalho | IPB

Patricia Cordeiro | Associação Dona Flâmula

João Paulo | IPB

Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo. O que é preciso, para os ver, é que os olhos não percam a virgindade original diante da realidade e o coração, depois não hesite...

Um Reino Maravilhoso

Miguel Torga



INTRODUÇÃO

1. Conceito de Turismo Criativo

2 . O Património Cultural como recurso

3 . Estudo de Caso: O Projeto de Patrimonialização da Festa dos Caretos, dos Rapazes e de Santo Estevão de Torre Dona Chama

3.1 Localização e enquadramento geográfico

3.2. O conceito da máscara e as suas interpretações

3.2.1 | O Sentido da Máscara

3.2.2 | A Máscara de Torre de D. Chama

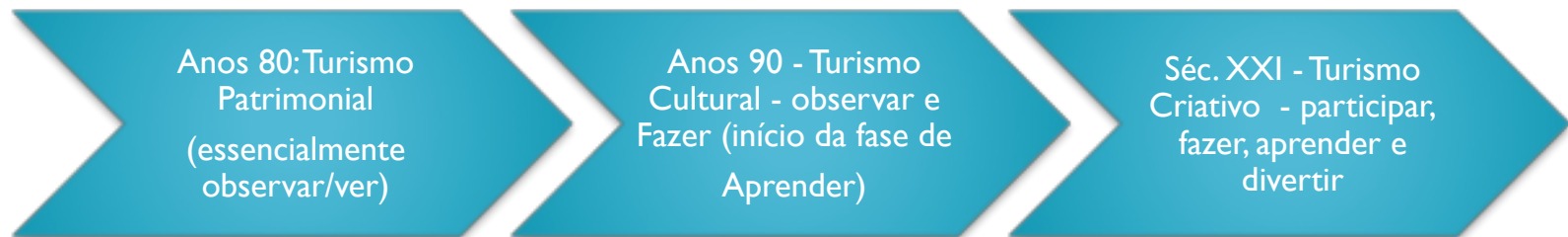
3.2.2 | as Oficinas

CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA



I. Evolução do conceito



- Nos últimos anos, têm surgido alguma reflexão acerca do comportamento/atitude Turista – Turismo Cultural.

Os principais problemas:

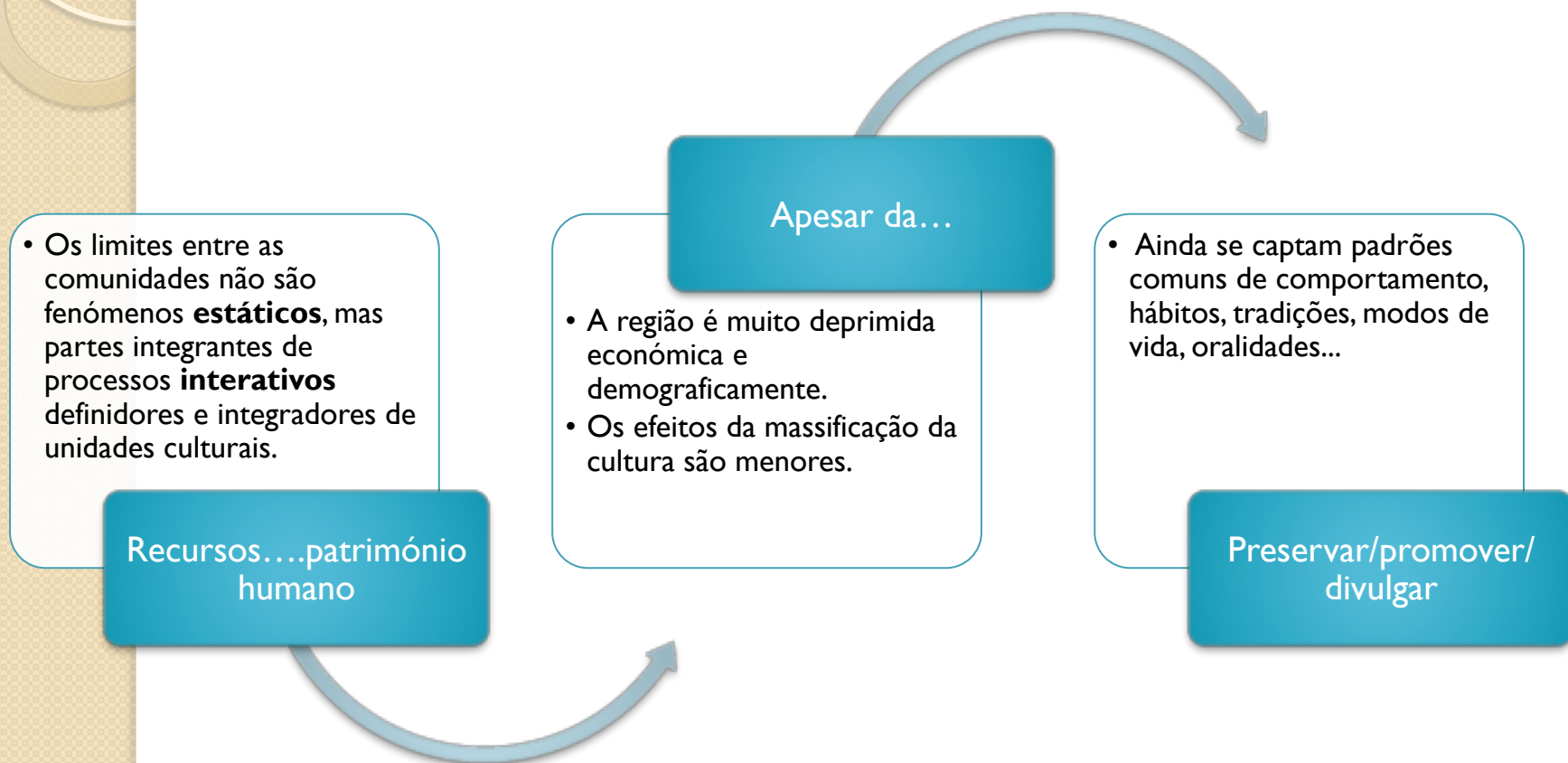
- Falta de participação disponível para o turista;
- Natureza estandardizada dos produtos.

A nova tendência *versus* principal desafio:

- Criação de produtos que incluam uma noção de cultura **mais** abrangente, mais animados, **mais** criativos, privilegiando a participação **mais** ativa do turista

- Duas obras: The Dream Society, de Jensen e The Experience Economy de Pine e Gilmore.
- Ambos os trabalhos se baseiam na premissa de que o total da **despesa** dos consumidores em bens materiais tem vindo a **sofrer** um decréscimo. Por conseguinte, o tempo **gasto** em atividades de lazer, entretenimento e viagens tem aumentado de forma significativa.
- De acordo com Jensen, este novo consumidor compra **sentimentos**, emoções e **histórias** enquanto Pine e Gilmore consideram que o mesmo procura e compra experiências.
- De acordo com Richards (2003), uma das causas principais do surgimento do turismo criativo é a necessidade de autocriação que acontece no contexto daquilo que ele denomina por “consumo de conhecimento especializado”

2. Património Cultural **LOCAL**, um recurso.



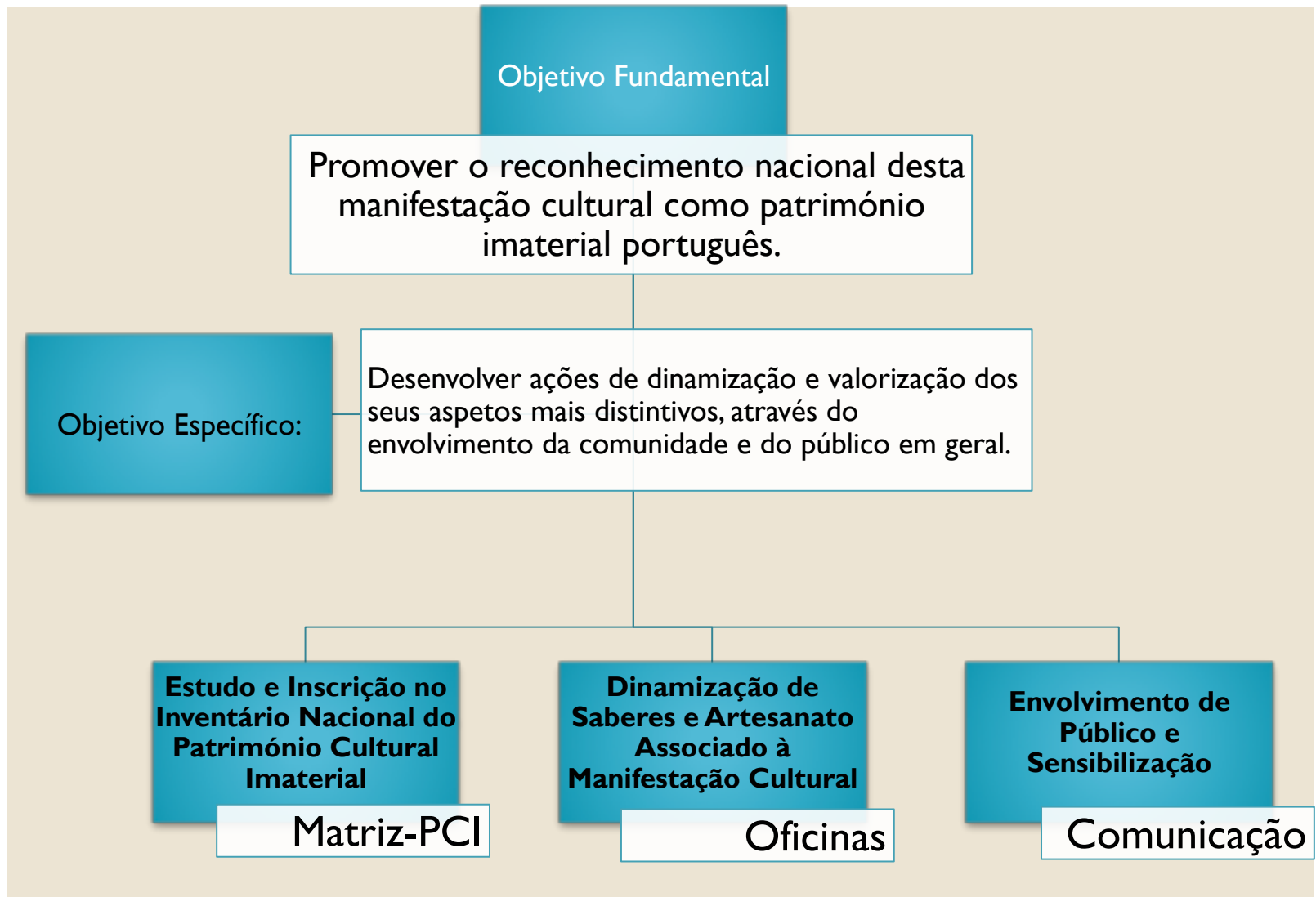


Estudo de caso |

Patrimonialização da Festa dos Caretos, dos Rapazes e de Santo Estevão de Torre de Dona Chama

Programa EDP Tradições 2016 -2018

3. Desenho do Projeto



Introdução

Porquê ?



Revalorização crescente dos patrimónios locais enquanto recursos culturais, sociais e económicos no contexto de ruralidade pós-industrial.



A Festa de Santo Estevão/Festa dos Rapazes, enquanto fenómeno de vivência comunitária, foi durante décadas objecto de numerosas descrições e interpretações antropológicas - especificidade



O Património Imaterial e a Festa estão profundamente ameaçados devido à desertificação humana e ao abandono do território



3.1. Localização e enquadramento geográfico



A vila de Torre de D. Chama situa-se no concelho de Mirandela, a cerca de 22 km da sede de concelho.

É uma comunidade essencialmente rural, muito envelhecida, a maioria são agricultores ou pequenos obreiros.

Habitantes (ano)	Habitantes (número)
1960	2180
2001	1386
2011	1105

- Território marcado por processos de despovoamento, de envelhecimento e de marginalização económica.
- O artesanato local têm um lugar muito importante na transmissão do património cultural mormente o engenho de máscaras em madeira de castanho e de nogueira; existindo pequenas oficinas/ ateliers.

3.2 O conceito da máscara e as suas interpretações

As Máscaras:

São um símbolo da cultura das gentes, cuja raiz longínqua se esfumou nas brumas do tempo, dando livre expressão aqueles que por detrás dela se escondem, exteriorizando os seus mais guardados impulsos....são um motor de troca de experiências e implementação do social com forte sabor popular.

PERDIGÃO, Teresa; FERREIRA, Hélder

3.2 O Conceito da máscara e as suas interpretações



**Máscaras
Portuguesas**

Bemposta



Reproduzem mormente um rosto humano, apesar de ser frequente a atitude de o desumanizar recorrendo ao exagero de traços anatómicos, assimétricos ou incluindo de elementos simbólicos conotados com o imaginário diabólico ou animalesco.

Podence



O uso da máscara era comum em muitas regiões. Hoje, está muito confinada a Trás-os-Montes (sobretudo no distrito de Bragança: Varge, Aveleda, Grijó de parada, Parada, Rebordelo, Travanca, Constantim, Rebordões, Bruçó, Valde de Porco, Tó, Torre de Dona Chama, Valverde, Ousilhão...)

Torre de D. Chama



A função e o significado de cada artefacto estão intrinsecamente dependentes dos padrões culturais. A sua simbologia torna-se difícil de interpretar, realçando o focinho, os chifres, as orelhas, boca e língua.

Ousilhão

3.2. O conceito da máscara e as suas interpretações



3.2.1 O Sentido da Máscara

A máscara é um elemento identitário em Trás-os-Montes.

Funções primordiais. Finalidades míticas :

1. Ritos Solsticiais;
2. Ritos de Fertilidade;
3. A profilaxia (funções purificadores – Festa dos Rapazes)

Constitui um adereço indispensáveis ao exercício de rituais mágicos, permitindo que o mascarado assuma o protagonismo nas celebrações

3.2.1 O Sentido da Máscara

As mascaradas
acontecem ...

No inverno: iniciam no último dia do mês outubro e terminam no dia seguinte ao Carnaval

“Inverno festivo” que abrange dois momentos:

-
1. “Ciclo dos doze dias” - período compreendido entre o Natal e os Reis, durante o qual ocorrem as Festas dos Rapazes, Santo Estevão, Ano Novo e os Reis;
 2. Carnaval – de sábado de Carnaval à Quarta-feira de Cinzas, o dia da Morte e dos Diabos.
-

3.2.1 O Sentido da Máscara

Lévi-
Strauss

- A máscara não se baseia apenas numa descrição etnográfica, num artefacto mas antes a memória do espírito.
- Assume a forma de “fim” comunitário apesar de comparativamente indiferenciada e igualitária.

Lévi-
Strauss

- Reforça as tradições e os processos sociais.

Lévi-
Strauss

- Portadora de ricos e numerosos sentidos.
- Traduz novas linguagens do mundo humano que só pode ser traduzido na simbiose que une o significado ao significante



3.2.1 O Sentido da Máscara

Para os
“trasmontanos”

- É um verdadeiro objecto de culto que assume um significado místico e profano, além de uma mensagem individual.

Para os
“trasmontanos”

- É um símbolo particular que reforça o sentimento coletivo de identidade

Para os
“trasmontanos”

- Dá-lhes a liberdade de violar as regras de comportamento habituais uma vez que está associada à alegria festiva.



3.2.2 O Sentido da Máscara

Este culto tem reminiscências pagãs, romano e celta, terão sido dedicadas ao culto do sol e outros deuses: as Santurnálias, a Saturno, protector da agricultura, e as Juvenálias, festas protagonizadas “pela gente moça no dia 24 de Dezembro com canto bródio e patuscado” .

Com o advento da Cristianismo, haveriam de ser sabiamente adoptadas pela Igreja que lhes conferiu um carácter de sacralidade cristã, na tentativa do aproveitamento dos ritos tão fortemente enraizados pelo povo que o seu aniquilamento se afigurava missão impossível.

António Pinelo Tiza

Santo Estêvão foi um jovem padecedor que irreflectidamente se popularizou e se tornou num protegedor ideal da juventude.

Estes factores contribuíram para que no calendário litúrgico colocassem o Santo Estêvão no ciclo do Natal aquando da celebração das Juvenalias



3.2.2 Os mascarados e personagens de Torre de D. Chama



Foto: Associação Dona Flâmula Associação (2016)

A festa é antecedita pelas rondas em **peditório**.

Nestes momentos preparatórios em que se anuncia o aproximar da festa, se sensibiliza e se chama à participação da comunidade, os mascarados, e o toque de bombos são elementos auxiliares fundamentais.



Foto: Associação Dona Flâmula Associação (2016)



Foto: Associação Dona Flâmula Associação (2016)

- Personagens que participam na **Festa de Torre Dona Chama:**
- Rei Cristão
- Rei ou Rainha Moura (para alguns a personificação da lenda e portanto a Dona Chama ou Chamoia)
- Caçadores
- Caretos
- Ciganada
- Madamas
- Mouriscas
- Os mordomos (são mutuamente os organizadores e encenadores desta peça de teatro popular, e protagonizam ainda o seu ato inicial, o deitar os jogos à praça)



Foto: Associação Dona Flâmula Associação (2016)

Cada mascarado, ou personagem exerce um papel específico durante a festa em um ou mais dos seus momentos concretos.

Deitar os Jogos à Praça



Foto: Associação Dona Flâmula Associação (2016)

Ronda das madamas



Foto: Associação Dona Flâmula Associação (2016)

Missa de Santo Estevão| Bênção do Pão



Foto: Associação Dona Flâmula Associação (2016)

Correr a Mourisca



Foto: Associação Dona Flâmula Associação (2016)

Elemento identitário na Festa de
Santo Estêvão/ Festa dos Rapazes
(25-26 de
dezembro)

As mais antigas eram em sola
(restos de couro utilizado pelos
sapateiros,) hoje usam máscaras de
lata (ou folha de flandres*)



*A folha de flandres ou simplesmente flandre é um material laminado estanhado composto por ferro e aço de baixo teor de carbono revestido com estanho.

O Careto em Torre Dona Chama desempenha um papel um pouco indefinido, sendo que o seu caráter profano, está patente na proibição da sua entrada na Igreja. É um elemento **auxiliar** em todos os atos da festa, e na última parte da **encenação** age como **protetor** dos mouros.

A máscara é um “**clarão**” que serve de **amuleto** de sorte quer para o povo, para os animais ou para a agricultura



Foto: Associação Dona Flâmula Associação (2016)

“A Festa dos Caretos, ou de Santo Estêvão, em Torre de Dona Chama (...) vai muito além do amadurecimento de rapazes em espectáculo preparado e temporalmente limitado: no nosso teatro de rua, que dura quase um dia, sem interrupções e sem ensaios, todos rabelaisianamente participam (...). Estão em jogo valores e lendas da terra que microscimizam apropriação de solo pátrio, em horas de Reconquista (...)” – Ernesto Rodrigues



“Depus a máscara e vi-me ao espelho.
Era a criança de há quantos anos.
Não tinha mudado nada...
É essa a vantagem de saber tirar a máscara.
É-se sempre a criança,
O passado que foi
A criança.
Depus a máscara e tornei a pô-la.
Assim é melhor,
Assim sem a máscara.
E volto à personalidade como a um término de linha.”

Álvaro de Campos,
POESIAS, Editorial Nova Ática

As Oficinas

Recuperar processos, dinamizar saberes



Foto: Associação Dona Flâmula Associação (2016)



As oficinas podem ser de confecção de fatos, máscaras e ainda de aprendizagem de música (tocar os bombos). As oficinas têm como objetivo recuperar os processos de confecção de fatos e máscaras, e regulamentar a interação dos bombos na festa.

RECUPERAR SABERES
INCENTIVAR CRIATIVIDADE
PROMOVER TRANSMISSÃO INTER-GERACIONAL
RECONHECIMENTO PÚBLICO
VALORIZAR SOCIAL CULTURAL
ECONOMICAMENTE
EXPERIÊNCIAS HUMANIZADAS
CONHECIMENTO PARTILHA



Exemplo: Oficina de Máscaras do Museu da Máscara Ibérica de Bragança

Projeto de Candidatura ao Programa EDP Tradições 2016/2018:

Patrimonialização da Festa dos Caretos, dos Rapazes e de Santo Estevão de Torre de Dona Chama

Objetivo principal : Constituição de Inventário e elaboração de proposta para submissão da manifestação no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial.

1º objetivo: levantamento e recolha de toda a documentação

- Bibliográfica, Fotográfica, Videográfica Gráfica, Cartográfica e Outra. Elaboração de um plano de salvaguarda. Submissão do Processo de Inventariação na Plataforma Matriz PCI

2º Objetivo: Preservação e divulgação da memória colectiva.

- A recolha dos testemunhos orais. levantamento dos objectos e imóveis associados à manifestação cultural.

3º Objetivo: Dinamização de saberes e artesanato associado à manifestação cultural

- A manufatura de trajes, máscaras e instrumentos, e a realização de oficinas sobre manufatura de trajes e máscaras e sobre danças e rituais da festa que se pretende que funcionem com o propósito de dinamizar e sensibilizar para o artesanato associado à festa, mostrando a arte de fazer esses objetos, bem como de outros saberes, como a encenação dos papéis de alguns dos personagens mascarados e das danças.

4º Objetivo: Envolvimento de público e sensibilização

- A sensibilização da comunidade sobre o património imaterial. Envolver todos os parceiros

5º Objetivo: Comunicação e divulgação

- Divulgação com os operadores
- A disponibilização do inventário ao público através de plataforma do património cultural (SISTGMIR) do Município de Mirandela para ser consultada e utilizada em soluções de divulgação e promoção da manifestação

Considerações Finais

Numa fase em que a sociedade se torna cada vez mais global quer nos aspectos económicos, socioculturais e até mesmo políticos, torna-se premente que os regionalismos da identidade cultural não se percam;

- A Comunidade de Trabalho Bragança-Zamora apresentou, no ano de 2005, uma candidatura ao programa comunitário Interreg III, cujo objetivo foi o de preparar uma eventual candidatura da máscara, dos caretos e das festas do rapazes a Património Imaterial da Humanidade;
- A região tem um conjunto de infraestruturas que abordam a temática:
 1. Museu Ibérico da Máscara e do Traje
 2. Academia Ibérica da Máscara
- Foram publicadas vários livros desde 1960 e realizados diversos estudos académicos:
 1. O Abade de Baçal, o etnógrafo D. Sebastião de Pessanha²³, e o Padre Firmino Martins, Benjamim Pereira
 2. Dissertações de mestrado e/ou teses de doutoramento (área da antropologia)
- Trabalhos de pintura:
 1. Balbina Mendes (exemplo)



Considerações Finais

- O tecido económico é débil, conjugado com um isolamento geográfico elevado influenciaram o arcaísmo dos costumes que persistiram mais tenazmente à influência de vida moderna e determinaram o contexto social e sistemas culturais distintos.
- As máscaras têm um valor etnográfico incomensurável que poderá ser um instrumento essencial no Turismo Criativo - Carácter singular do destino turístico.
- A máscara é uma componente social da festa que não pode ser entendida fora do contexto cultural.
-



Considerações Finais

- A Máscara enquanto recurso tem um potencial de comunicação e promoção da região impar, mas que não está a ser aproveitado porque não tem tido a estratégia mais assertiva e necessária por parte dos vários atores e “players”, com responsabilidade na condução dos destinos da região.
- Terá de haver um **diálogo aberto com o setor do turismo – turismo criativo**.
- Criação de sinergias e de valorização de iniciativas com os vários operadores.
- Reforço no ensino da construção da máscara e dos fatos, cocriação.
- Incorporar os vários artesanos.
- Criar/reforçar cadeias de valor.



Bibliografia

- AFONSO, António in PERDIGÃO, Teresa; FERREIRA, Hélder – *Máscaras de Portugal*. Lisboa: Mediatexto, 2003
- PERDIGÃO, Teresa; FERREIRA, Hélder – *Máscara em Portugal*. Mediatexto, Lisboa: 2003;
- PEREIRA, Benjamim – *Máscara Portuguesa*. Junta de Investigação do Ultramar. Lisboa: 1973;
- PEREIRA, Benjamim – *Máscaras Transmontanas* in *Brigantia* – Revista de Cultura, vol.V, n.ºs 2,3,4, Abril/Junho. Bragança: 1985;
- ROCHA, Francisco Mário – *Festas Tradicionais do Ciclo de Inverno em Parada de Infâncias* in *Brigantia* – Revista de Cultura, vol. XII n.º 4, Outubro/Dezembro. Bragança: 1992;
- TIZA, António A. Pinelo - *Manifestações de Crítica Social do Ciclo de Inverno* in *Brigantia* – Revista de Cultura, vol.V, n.ºs 2,3,4, Abril/Junho. Bragança: 1985;
- TIZA, António A. Pinelo - *O Sagrado e o Profano nas Festas do Ciclo de Inverno* in *Tellus*. Vila Real: 1996;
- TIZA, António A. Pinelo - *Ritos Festivos* in *Gentes e Costumes*. Edição Câmara Municipal de Bragança: 2003;
- TIZA, António Pinelo – *Ritos e Mistérios Transmontanos*. Lisboa: Esquilo, 2004.



Obrigada!